

ESPORTE ENTRE OS ÍNDIOS KADIWÉU

MARINA VINHA

Doutoranda na FEF/Unicamp
Faculdade de Educação Física - Universidade Católica Dom Bosco/MS
Bolsista CNPq
E-mail: marinavi@terra.com.br

Dra MARIA BEATRIZ ROCHA FERREIRA

Faculdade de Educação Física da Unicamp
Professora Visitante Unicentro/PR - CNPq
E-mail: beatriz.ferreira@terra.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender o esporte, observando a organização e os sentidos frente às tradições culturais e às tensões, no grupo indígena Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul, Brasil. As fontes bibliográficas contemplaram autores de diferentes períodos e as fontes orais foram obtidas em pesquisas de campo, realizadas entre 1997-1999. A mitológica índole guerreira Kadiwéu foi, em determinado período, fortalecida pela inserção do cavalo. Recentemente, o fenômeno esporte adentrou o coletivo Kadiwéu, criando novas tensões. Os idosos percebem o esporte de forma diferente dos jovens, contudo a histórica resistência Kadiwéu está movimentando a dinâmica do grupo, renovando os sentidos sociais do mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte, jogo; índios brasileiros; índios Kadiwéu.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas brasileiros totalizam, hoje, cerca de 210 grupos e 170 línguas. Esses povos estão classificados pela língua, por convenção antropológica. O nome dos grupos, também por convenção, é sempre usado no singular (Instituto Socioambiental, 2001; Ricardo, 1995).

Para tais povos, a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 217, assegura, como dever do Estado, proteger, resgatar, registrar e divulgar as manifestações culturais de caráter esportivo que se vinculem às raízes etno-históricas. Fundamentado na Constituição, o Ministério do Esporte e Turismo, em 1996, denominou a arquearia, a canoagem, a caça, a pesca, as lutas nos rituais indígenas, as vaquejadas, as corridas de argolinhas, a montaria, as jangadas, entre vários outros, como “raízes etno-históricas de caráter esportivo” (Oliveira Filho, 1996).

As manifestações culturais mencionadas são jogos com raízes étnicas diversas, cujas origens estão na miscigenação brasileira. A justaposição do termo “caráter esportivo”, adjetivando essas manifestações culturais, desconsidera o lugar do jogo em seu espaço cultural, na rica diversidade populacional brasileira, associando o jogo tradicional ao polissêmico termo esporte.

O esporte é um fenômeno recente, com características muito próprias e distintas dos jogos tradicionais. O fenômeno esporte passou a integrar quase todas as sociedades humanas, e irrompeu também na sociedade indígena Kadiwéu. Nesse contexto, a presente pesquisa objetiva compreender o esporte, na modalidade futebol, entre os indígenas Kadiwéu, da aldeia Bodoquena, localizada no Mato Grosso do Sul, observando a organização, os sentidos que adquire frente às tradições culturais e às tensões.

OS KADIWÉU – BREVE HISTÓRICO

Os Kadiwéu são remanescentes, no Brasil, dos índios de língua Guaicurú. Estes compreendiam os grupos: Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e Mbayá; todos habitantes da região do Grande Chaco, nas fronteiras da Argentina, Paraguai e Brasil. Os Mbayá, ou índios cavaleiros, notabilizados pela resistência aos espanhóis e portugueses na bacia do Paraguai, são ancestrais dos Kadiwéu. Por volta de 1800, os Kadiwéu fixaram-se do lado brasileiro, na região do Pantanal Sul Mato-grossense (Sánchez Labrador, 1910; Ribeiro, 1980).

De vida nômade, embora isso não signifique que suas áreas de atuação não fossem delimitadas, atualmente, os Kadiwéu estão sedentarizados territorialmente. Habitam as “terras Kadiwéu”, localizadas na região da serra da Bodoquena, com

população estimada de 1.265 pessoas, distribuídas em 4 aldeias: Bodoquena, Campina, São João e Tomázia. Sede política do grupo e local de realização deste estudo, a aldeia Bodoquena conta com uma média de 741 pessoas (Siqueira Jr., 1993; Pechincha, 1996).

A organização social dos Mbayá-Guaicuru teria desenvolvido uma estrutura mais complexa, caracterizada por um tipo de estratificação constituída por nobres, guerreiros e cativos. O grupo garantia a constituição de sua sociedade por meio das guerras de captura de crianças e adultos, tanto indígenas como europeus (espanhóis e portugueses). Com o fim do período dessas guerras, findou também a conduta ostensivamente guerreira e a sociedade foi reorganizada sem, contudo, deixar sua ideologia própria (Sánchez Labrador, 1910; Ribeiro, 1948).

Ainda hoje, a organização social Kadiwéu mantém-se coesa em torno do seu mito de criação. Quando cada povo indígena se refere a “quem são”, “de onde são” ou “em que diferem dos outros”, vale-se do mito de criação, ou de um conjunto de mitos, que confere identidade a cada povo. O tempo mitológico é historicizado continuamente, numa dinâmica que renova as sociedades, reiterando os indígenas como sujeitos histórico-sociais (Borges, 1995).

Assim, a índole guerreira Kadiwéu é de base mitológica. *Go-noêno-hôdi* – personagem central da mitologia do grupo –, complementado pela inteligência do *caracará* – outro herói mitológico, cuja característica é a argúcia –, explicam o mundo. Após tirar vários grupos indígenas de um buraco, o personagem central ofereceu a um grupo a agricultura, a caça para outro, deixando os Kadiwéu sem nada. O *caracará* (ave de rapina da região) propôs a *Go-noêno-hôdi*, ao perceber que os Kadiwéu foram esquecidos e que nada sobrara para eles, que ficassem com a função de oprimir, guerrear e explorar os demais (Ribeiro, 1980).

Esse acordo singular firmado com as divindades fundamenta a índole do grupo, mas não constitui o guerreiro como personagem heróica. A preocupação era formar homens para a guerra, o que foi fortalecido quando, no século XVII, os Kadiwéu tornaram-se cavaleiros. A assimilação do cavalo pode ter sido fruto da necessidade de impor resistência aos espanhóis invasores. As condições ambientais da planície contribuíam também para que o cavalo fosse adotado por povos caçadores e coletores, habitantes das regiões do Chaco, Pampa e Patagônia (Schaden, 1946; Galvão, 1963; Ribeiro, 1980).

Em conseqüência, sua estrutura social abarcou diferentes culturas, trazidas pelos cativos; há autores que mencionam inclusive a presença de africanos refugiados entre o grupo. T tamanha diversidade não fez os Kadiwéu perderem sua organização e referências mitológicas. Na diversidade, e com o novo elemento (o cavalo), reorganizaram-se. A condição de índios guerreiros montados propiciou-lhes o

conhecimento de territórios circunvizinhos, alargando seu campo de influência e de absorção cultural. A introdução do cavalo, portanto, alterou a vida sociocultural, política e econômica do grupo, trazendo-lhe o reconhecimento como “índios cavaleiros” (Ribeiro, 1980).

Recentemente, por volta de 1980, um novo elemento insere-se no grupo – o esporte. Os informantes, adultos e lideranças esportivas, não sabem precisar quem o trouxe, principalmente a modalidade futebol. Relembra que no convívio com as cidades circunvizinhas, com patrícios¹ que moram na área urbana, alguns deles viram “aquilo”, o “jogo do branco”, “o jogo com bola” e começaram a praticá-lo na aldeia (Medina, 1998).

MÉTODOS

Esta pesquisa cumpriu normas nacionais, sendo autorizada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e por lideranças internas Kadiwéu. O estudo foi realizado com procedimentos etnográficos. As pesquisas de campo foram realizadas em fases seqüenciais, com datas previamente marcadas com o grupo, no período de 1997-1999.

A revisão da literatura baseou-se em diferentes autores e respectivos períodos históricos, com o objetivo de construir um escopo para compreender o tempo atual. Para tanto, adotamos os relatos, do jesuíta Sánchez Labrador (1910), que conviveu com os Mbayá-Guaicuru no período de 1770 a 1776; do viajante italiano Boggiani (1975), que permaneceu entre os Kadiwéu no período de 1892 e 1897 e as pesquisas etnográficas realizadas no século XX – Ribeiro (1980), Siqueira Jr. (1993), Pechincha (1996) e Vinha (1999).

O levantamento bibliográfico e o contato interpessoal nos últimos 10 anos com os Kadiwéu permitem apontar algumas questões que contribuem para entender o modo de ser do grupo: 1) convivem com o “branco”, desde o sofrido processo histórico de colonização; 2) mantêm a língua materna, que é falada por todos os seus membros; 3) mantêm suas tradições, portanto algumas respostas não são passivas e nem uniformes, mas, sim, mostram aparentes contradições, próprias da resistência frente a qualquer “branco”.

Os sujeitos entrevistados foram: técnicos esportivos, jovens atletas e idosos, sendo todos Kadiwéu. Alguns idosos são denominados “filhos(as) queridos(as)” na cultura ancestral, e são pessoas que receberam preparação desde a infância para manter a memória étnica do grupo. O método de obtenção das informações

1. Termo que usam para se referir aos próprios índios, entre si.

orais seguiu orientações de Meihy (1991). Há uma breve biografia de cada um dos sujeitos entrevistados, pontuando posição e função dentro da sociedade Kadiwéu, apresentada em Vinha (1999). No presente artigo, o sobrenome dos entrevistados aparece logo após o discurso de cada um e consta nas referências bibliográficas.

Segundo Meihy (1991), os índios são pessoas de pouca conversa, portanto as perguntas precisam ser cuidadosamente expostas para não ocorrer o “diálogo seco”, caracterizado por respostas lacônicas – “sim” ou “não” – às perguntas. Em razão disso, algumas entrevistas foram realizadas em círculo, como numa conversa informal, em que vários membros da comunidade estavam presentes. Durante esse processo um tradutor com domínio de ambas as línguas, Kadiwéu e português, esteve presente. Ocorreram também entrevistas individuais, em que o informante, por dominar a língua portuguesa, optou por expressar-se nela.

O tema das entrevistas foi o esporte e as tradições culturais, e foi seguida uma linha norteadora previamente elaborada pelas pesquisadoras. Abreviadamente, as categorias investigadas foram:

1. Memórias de festas da cultura, das quais a antiga geração participava e participa ainda, hoje.
2. Período e introdução do esporte na aldeia Bodoquena.
3. Diferenças entre jogos tradicionais e esporte, entre o esporte urbano e o esporte praticado na aldeia.

Os materiais usados para as entrevistas foram: gravador portátil, fitas cassete e filmadora. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. O processo da transcrição, segundo Meihy (1991), requer: I) que os diálogos sejam transcritos, registrando-se a participação de todos os falantes, inclusive das pesquisadoras; II) que somente os discursos dos informantes sejam considerados; III) que as palavras do discurso indígena sejam adequadas à norma culta nacional, mantendo a estrutura de linguagem Kadiwéu e a especificidade própria de cada informante.

A análise dos dados sustentou-se no “método da análise de discurso”, que é relativamente recente no campo de interseção entre as ciências sociais e a lingüística. Tal método se fundamenta na teoria de mesmo nome e visa compreender a produção social do sentido. Assim, as análises pautam-se por fatos históricos e mitológicos, levando em conta a alteridade – o reconhecimento do outro, como diferente (Orlandi, 1999; Minayo, 1996).

Para a aplicação do referido método foi necessária a elaboração de: I) um dispositivo teórico, composto de elementos da teoria da análise de discurso, e II)

um dispositivo de análise, composto por um *corpus* – constituído da pergunta a ser pesquisada e da teoria do campo de conhecimento das pesquisadoras, no caso, educação física e esporte. Tais dispositivos dão transparência às formações de sentido em sociedade e contribuem para minimizar a intersubjetividade presente nas relações humanas. Contudo, não há um ponto fixo em que a análise se inicia; o processo da análise dos dados já teve início quando as pesquisadoras elaboraram o *corpus* (Orlandi, 1999).

ORGANIZAÇÃO DO ESPORTE ENTRE OS KADIWÉU

As observações diretas e os relatos orais, realizados em pesquisas de campo, mostraram alguns aspectos sobre o esporte entre os Kadiwéu; analisados segundo os critérios: 1) estrutural – organização interna e campo; 2) formação dos técnicos e das equipes; 3) modo de ser Kadiwéu no esporte e nas festas da cultura; e 4) tensões entre esporte e valores tradicionais.

Para compreender a questão estrutural do esporte entre os Kadiwéu, reportamos ao movimento de formalização das organizações indígenas, ocorrido no Brasil com a promulgação da Constituição em 1988 e motivado, também, por demandas internacionais. A maioria dessas organizações é registrada em cartório e é de caráter étnico, por aldeia, a exemplo do Conselho Geral da Tribo Ticuna, entre muitas outras.

A promulgação da Constituição contribuiu também para organizações de maior amplitude, como a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, entre outras. Tais organizações² são representações políticas, com a finalidade de lidar com o mundo público e privado da sociedade nacional e internacional. São movidas por interesses indígenas, como terra, demarcação e controle de recursos naturais, saúde, educação e comércio (Ricardo, 1995).

Em pesquisas realizadas com o grupo Kadiwéu e acompanhamento de eventos esportivos específicos para indígenas, Vinha (1999) concluiu que há necessidade de acrescentar mais um item nas organizações indígenas – o esporte – devido ao grande interesse manifestado pela maioria desses povos. O fenômeno esporte alastra-se via mídia e relações de contato, adentrando de múltiplas formas o universo étnico dos grupos. A salvaguarda indígena é que os grupos operam com instituições tradicionais, nem sempre visíveis ao mundo dos “brancos”. Instituições como a “casa dos homens”, o “conselho dos mais velhos” e as “lideranças

2. Em Ricardo (1995) há uma tabela completa sobre as organizações indígenas no Brasil.

internas” têm função reguladora, intermediando a chegada do novo, observa Ricardo (1995).

Entre os Kadiwéu, a organização interna está composta por um capitão geral e diversos conselheiros – as lideranças – todos homens. A comunidade conta também com uma organização externa registrada em cartório, a “Associação da Comunidade Indígena da Reserva Kadiwéu” (Acirk). Segundo discurso de seu representante, Medina (1998), a versão mais atual dessa organização tenta inseri-la no mundo contemporâneo, cuja estrutura político-administrativa dispõe de departamentos para “esporte e lazer”.

Os departamentos dinamizariam o que o representante Medina (1998) problematiza: “na aldeia, hoje, há falta do que fazer aos domingos”. Tal observação se apresenta de certa forma contraditória, quando verbalizada por indígena. Em sociedades indígenas, de forma geral, há outros sentidos na organização do tempo e dos afazeres diários. Mas Medina considera que, nos dias atuais, a juventude da aldeia tem pouca opção de entretenimento. Daí, a promoção de eventos esportivos nos finais de semana, “atrai a massa para o campo de futebol”, afirma ele.

No universo geral da aldeia Bodoquena, a organização que caracteriza o esporte parece criar elos que estimulam os Kadiwéu a vencer desafios. Há uma mobilização interna que envolve a todos quando há eventos esportivos, desencadeando reuniões para decisão das equipes representativas; preparo dos uniformes³; articulações para conseguirem doação de bolas para os treinos; deslocamento de equipe de trabalho para arrumação da estrada de acesso à aldeia, pois a cada chuva são abertos sulcos que a tornam intransitável; pequenas viagens às cidades próximas e às fazendas vizinhas, fato que envolve até o chefe do posto da Funai, morador na aldeia, no transporte dos atletas no caminhão da comunidade, mas só dirigido pelo funcionário; e o movimento de roçado para limpeza e demarcação do próprio campo de futebol.

O campo de futebol compõe a paisagem da aldeia e inseriu-se no seu mapa oficial. Ele está localizado próximo à pista de pouso para aeronaves de pequeno porte que atende às necessidades da aldeia. Nessa região, o terreno é mais plano, e mesmo assim a água da chuva empoça, inviabilizando a prática da modalidade por alguns dias. Em 2001, na continuidade das pesquisas e atuação junto ao grupo, foi mensurado o campo de futebol, que se encontrava com as dimensões aquém das normas estabelecidas. “Talvez por isso, a gente não consegue ganhar nos jogos”, disseram os representantes esportivos Kadiwéu.

3. O grupo dispõe de dois modelos de uniforme. Um deles era todo com aplicações coloridas do grafismo Kadiwéu.

A formação dos técnicos da aldeia vem ocorrendo com a ajuda dos patrícios habitantes na cidade vizinha e na capital⁴. Os patrícios trazem informações de revistas, gravam fitas de vídeo e discutem informações que ajudam a compreender a modalidade. A mídia é acessada por rádio ou nas esporádicas transmissões coletivas realizadas na varanda da escola, usando a TV e o vídeo, que são de uso quase exclusivo dos alunos. Nos finais de semana, há também o trânsito realizado por alguns aficionados por futebol que estudam nas universidades⁵ próximas, mas vivem na aldeia. Tanto os técnicos como as lideranças esportivas usam a metalinguagem da educação física e do esporte: patrocinadores, massa, lazer, evento esportivo, treinos técnico-táticos.

As equipes de futebol estavam organizadas da seguinte forma: adultos de ambos os sexos dividiam-se em cinco equipes masculinas e uma feminina. Os jovens, de ambos os sexos, formavam três ou quatro times. Todas as equipes participavam de jogos internos e havia equipes selecionadas para atuar em torneios estaduais.

Em que pese todo esse novo aparato de sustentação do evento esportivo, ele é antagônico às festas da cultura. O significado das festas é de base ancestral. O evento esportivo, por si só, mobiliza a aldeia para o entretenimento com o futebol, tendo a comunidade como espectadora, como torcedores ou praticantes.

Além disso, o modo de ser Kadiwéu é fortalecido e renovado no decorrer do tempo, por meio das festas da cultura, espaço de mobilização de todos em torno de seus valores identitários e do sentido de pertencimento ao grupo. As festas da cultura ainda são constitutivas de sua função didática, cujo espaço de socialização e iniciação das crianças e jovens se eterniza por meio da manutenção e da transmissão cultural. Nelas, os mais velhos desempenham importantes papéis, juntamente com as lideranças internas (Siqueira Jr., 1993).

Contudo, a dinâmica renovadora do tempo trouxe mudanças para algumas festas da cultura. As festas específicas para o guerreiro, relatadas em Sánchez Labrador (1910), foram de-significadas – processo de “esvaziamento de sentido” ocasionado com as perdas dos sentidos histórico e ideológico (Orlandi, 1999). Como exemplo, citamos os ritos que exigiam do jovem resistência física e bravura para se submeter às sangrias⁶, que era uma forma de preservar a saúde, aplicada em situações de pós-esforço físico.

4. Campo Grande dista em torno de 350 km da aldeia Bodoquena e a cidade mais próxima, Bodoquena, 50 km, no percurso acidentado da serra de mesmo nome.

5. Alguns técnicos cursam faculdade na cidade de Aquidauana, distante cerca de 200 km da aldeia.

6. Tal procedimento visava a recuperação fisiológica, como a fadiga e a cãibra decorrentes do esforço físico. A técnica consistia em perfurar partes do corpo – coxas, panturrilha, cintura pélvica - com objetos pontiagudos, feitos de ossos e dentes de animais (Sánchez Labrador, 1910; Ribeiro, 1980).

Mudanças ocorreram também em relação ao cavalo. Na atualidade, a presença do animal propicia as “carreiras a cavalo”, jogo tradicional que mobiliza a aldeia nas festas da cultura. O animal destaca-se também no transporte cotidiano, já que a extensão das terras Kadiwéu demanda longos percursos internos. Mesmo relativamente de-significado, possuir animais eqüestres ainda é sinal de *status*, o que fortalece e torna perene no imaginário do grupo a significativa designação “índio cavaleiro” (Siqueira Jr, 1993).

O modo de ser Kadiwéu mostra-se dinâmico, com conflitos para novas adequações, segundo o discurso de um “filho querido”. Na compreensão tradicional, o novo e o ancestral são mostrados da seguinte forma: “[...] esporte é uma brincadeira, festa é uma brincadeira, então não há diferença no dizer brincadeira para festa e brincadeira para esporte. Falando esporte é uma brincadeira, futebol é uma brincadeira” (Soares, 1998).

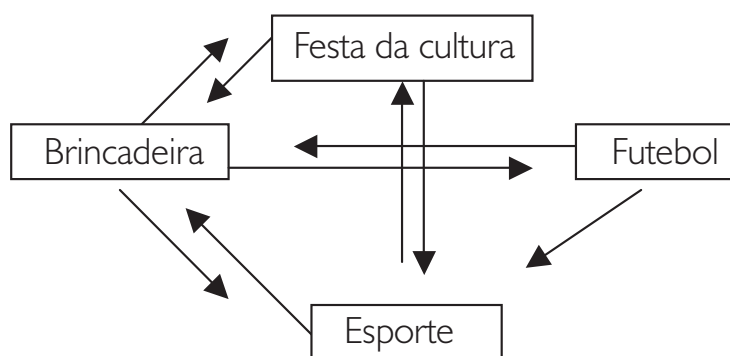


FIGURA 1: O discurso do “filho querido” esquematizado

Para o “filho querido”, o significado de festa da cultura não é extensivo ao futebol. Parece contradição quando não estende o significado das festas da cultura para futebol, mas o estende para esporte. Durante a pesquisa, descobrimos que o “jogo vindo com o branco” é caracterizado por dois elementos pouco usuais na cultura Kadiwéu: o uso de bola e a habilidade motora do chutar. A polissemia que acompanha o termo esporte aproximou-o mais das festas e da brincadeira, para o interlocutor da memória ancestral Kadiwéu (Vinha, 1999).

Para os jovens atletas e lideranças esportivas há diferenças entre festas da cultura e esporte. Jovens e lideranças mantêm relações mais estreitas com a sociedade envolvente, e para eles a construção ocidental de esporte está mais internalizada. A intimidade com torneios, treinamentos, espaço, tempo de jogo e regras internacionais leva-os a entender o esporte como lazer, não o relacionando com as festas da cultura nem com os jogos tradicionais, embora, por vezes, usem o termo esporte como sinônimo de jogos.

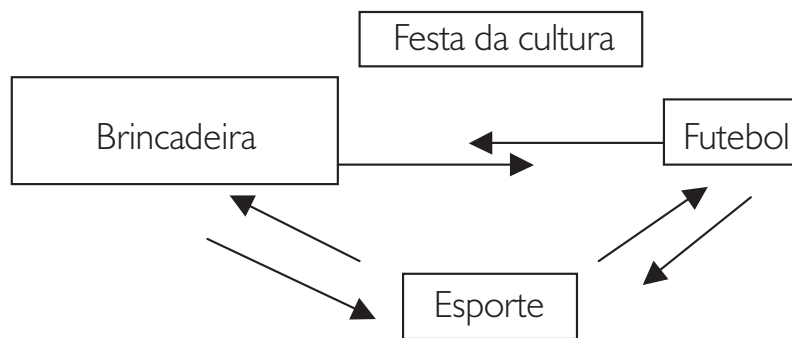


FIGURA 2: O discurso das lideranças e jovens atletas esquematizado

Há tensões no processo vivido pelos indígenas Kadiwéu. Uma delas incide na preferência dos jovens e líderes esportivos pela modalidade futebol, frente às festas tradicionais. O “filho querido” percebeu a intensidade com que a prática esportiva se inseria, quase que predominantemente, nas festas da cultura. A presença prazerosa do futebol estava ou equilibrada, ou sobrepondo-se às festas. Informações mais recentes apontam para correções nesse desequilíbrio, mas sem tirar a intensidade da mobilização esportiva, e descobrindo um outro espaço para tais manifestações, sem sobrepujar as práticas tradicionais.

Outra tensão ocorre entre jovens atletas e lideranças esportivas e as equipes urbanas compostas por “brancos”, no seguinte sentido: a memória ancestral guerreira centra sua força em não beber água⁷ durante períodos críticos de embates. Já as formas ocidentais atuais recomendam a hidratação constante, tanto antes como durante e após as atividades esportivas ou outra forma de atividade física sistematizada.

Os informantes Kadiwéu têm apontado também para certa tensão que se estabelece entre os sentimentos⁸ de rivalidade e de competitividade. Segundo eles, o sentimento de rivalidade está presente no jogo tradicional e o de competitividade no esporte. A rivalidade é resolvida sem mágoas ao final de cada jogo tradicional, mesmo que usem a “luta corporal”⁹ e haja socos para todos. Já a competitividade, presente no esporte, não finda nunca, renova-se a cada evento.

A chegada do esporte entre os Kadiwéu é atribuída a várias influências, como a mídia, as relações de contato com o meio urbano e as mudanças históricas que

7. Em Vinha (1999) encontram-se mais informações sobre o ritual Kadiwéu para não ter sede.

8. Em Vinha (1999) encontram-se mais informações sobre a tensão entre rivalidade e competitividade apontada pelos Kadiwéu.

9. Formas de lutas de pugilato são citadas por missionários, viajantes e etnólogos, em diferentes períodos históricos.

esvaziaram de sentido algumas festas específicas para guerreiros, e a sua própria identidade de guerreiros. Para estes parece que restou um silêncio. Onde há silêncio, outra discursividade aflora, observa Orlandi (1996).

A índole guerreira Kadiwéu, de raiz mitológica, foi, num determinado período, fortalecida com o manejo do cavalo. Hoje, segundo Marchi Jr. (2002), emerge o entendimento do esporte como um fenômeno social em processo de constituição, considerado uma das manifestações culturais que mais tem apresentado evoluções e transformações, tanto de ordem técnica como de formas de exposição e de absorção pelas sociedades. Tal fato o eleva à condição de fenômeno social em plena expansão de suas fronteiras. Assim sendo, a inserção do esporte na sociedade Kadiwéu pode trazer novos sentidos, revitalizando e reorganizando a índole guerreira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus*, organizado para a análise dos dados, mostrou que, diferente dos contatos violentos do passado, a nova forma de contato vinda com o fenômeno esporte é prazerosa e desafiante. O esporte consolida-se na proporção em que as novas relações, inerentes a ele, adentram o espaço físico da aldeia Bodoquena, adentrando também o coletivo Kadiwéu, na sua ancestralidade.

As tensões como a preferência dos jovens e líderes pela modalidade futebol, em detrimento das festas tradicionais, parecem mais motivadas pelos desafios que o esporte promove do que pela rejeição à cultura. Da mesma forma, os sentimentos distintos, rivalidade/competitividade, a força guerreira calcada na resistência aos longos períodos sem hidratação, serão possivelmente reorganizados pelos Kadiwéu.

O esporte pode demandar mudanças, devido às características de organização que o estruturam. Pode também enriquecer o acervo motor dos praticantes, principalmente as que envolvem o uso de bola dominada com os pés. Os riscos do "jogo do branco" afastar os jovens dos valores tradicionais existem. Mas a história mostra os Kadiwéu resistentes e exímios na solução das ameaças que afetam seu povo. As tensões, se compreendidas pelo grupo e resignificadas, certamente movimentarão a dinâmica mitológica, trazendo novos sentidos para os sujeitos Kadiwéu.

Sport in Kadiwéu indians

ABSTRACT: The objective of this article is to understand the organization and the meaning of sport, in face of the cultural traditions and the group tensions, among the Kadiwéu Indians, in Mato Grosso do Sul, Brazil. The study was done through bibliographical study and the ethnographical procedures using mainly oral sources and observation during 1997-1999. The Kadiwéu warrior mythological spirit was re-enforced by the introduction of the horse. Recently the sport phenomenon was introduced in the Kadiwéu culture, which has created new stress. The old people perceive the sport in different way compared to the young ones, however the historical resistance is provoking changes in the dynamic of the group.

KEY-WORDS: Sport; game; brazilian indians; kadiwéu indians.

El deporte entre los indigenas Kadiwéu

RESUMEN: El objetivo de este artículo es comprender el deporte entre los indios Kadiwéu (Mato Grosso del Sur, Brasil) observando la organización y los sentidos ante las tradiciones culturales. La bibliografía incluye autores de diferentes períodos y las fuentes orales se obtuvieron en estudios en el lugar realizados entre 1997-1999. La mitológica índole guerrera Kadiwéu en determinado período se fortaleció con la introducción del caballo. Recientemente el fenómeno del deporte ingresó en el colectivo Kadiwéu y creó nuevas tensiones. Los ancianos ven el deporte de una forma diferente de la de los jóvenes, sin embargo la histórica resistencia Kadiwéu está afectando la dinámica del grupo y renovando su sentido social.

PALABRAS CLAVES: Deporte; juego; indios brasileños; indios Kadiwéu.

REFERÊNCIAS

BOGGIANI, G. *Os Caduveo* (1892 e 1897). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945, exemplar n. 33.

BORGES, L. C. A instância do mito. *Perspicillum*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 69, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Por que estudar Educação Física nas escolas indígenas? In: *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília, 1998, p. 321-338.

CABEZA DE VACA, A. N. *Naufraágios e comentários* / Álvaro Nunez. Tradução J. S. dos Santos. Porto Alegre: L&PM, 2002.

CULIN, S. *Games of the North American indians*. Nova York: Dover, 1975.

GALVÃO, E. O cavalo na América Indígena: nota prévia a um estudo de mudança cultural. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 14, p. 222-232, 1963.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M.W., LUCENA, R. de F. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 5-29 (Coleção Educação Física e Esportes).

ISA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Os índios não são incapazes*. Texto do ISA endereçado às comunidades indígenas. Disponível em: <www.socioambiental>. Acesso em: 20 de maio 2001.

MARCHI JR., W. Bourdieu e a Teoria do Campo Esportivo. In: PRONI, M.W., LUCENA, R. de F. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 77-111 (Coleção Educação Física e Esportes).

MATO GROSSO DO SUL. Fundação Nacional de Saúde. Coordenação de Saúde do Índio. *Dados sobre saúde*. Mato Grosso do Sul, 1998.

MEDINA, B. M. *Associação da Reserva Indígena Kadiwéu*: depoimento. Entrevistadora: M. Vinha. Mato Grosso do Sul: Aldeia Bodoquena, Terras Kadiwéu. 1998. 1 fita cassete (120min), 3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida sob autorização da Funai/MS.

MEIHY, J. C. S. *Canto de Morte Kaiowá* – História oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento* – Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Rio de Janeiro: Huicitec, Abrasco, 1996.

OLIVEIRA FILHO, A. de. Introdução à série esportes de criação nacional. In: SILVA, J. E. F. de S. e. *Esporte com identidade cultural*: coletânea. Brasília: Indesp, n. 2, 1996 (Série Esportes de Criação Nacional).

ORLANDI, E. P. *Interpretação*: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: *Papel da Memória*. Pierre Archard et al. Campinas: Pontes, 1999, p. 59-67.

PECHINCHA, M. T. S. *Histórias de admirar*: mito, rito e história Kadiwéu. 1994. 204 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília.

RIBEIRO, D. *Kadiwéu*: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. Sistema familiar Kadiwéu. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 2, p. 175- 192, 1948.

RICARDO, C. A. Os índios e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA, A. L. da; GRUPIONI, L. D. B. *A temática indígena na escola*: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC, Mari, Unesco, 1995.

SÁNCHEZ LABRADOR, J. *El paraguay católico*. Buenos Aires: Imprensa de Coni, 1910. 3v.

SCHADEN, E. A mitologia heróica duma tribo senhorial: os Kaduveo. In: *A mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil: ensaio etno-sociológico*. São Paulo: USP, 1946. p. 55-67

SIQUEIRA JR., J. G. *Esse campo custou o sangue de nossos avós: a construção do tempo e espaço Kadiwéu*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, D. *Jogo e esporte: depoimento* [1998]. Entrevistadora: M. Vinha e H. Silva. Mato Grosso do Sul: Aldeia Bodoquena, Terras Kadiwéu, 1998. 2 fitas cassete (120 min), 3 ¾ pps, estéreo. Entrevista concedida sob autorização da Funai- MS.

VINHA, M. Índios Kadiwéu: rivalidade e competitividade, diferentes sentidos entre duas memórias. *Conexões: educação, esporte, lazer*, Campinas, n. 4, p. 55-62, jun. 2000.

_____. *Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens Kadiwéu*. 1999. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Recebido: 6 set. 2003

Aprovado: 8 jan. 2003

Endereço para correspondência
Faculdade de Educação Física
Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada
Laboratório de Antropologia Bio-cultural
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Unicamp
Caixa Postal 6134
CEP 13083-970
Barão Geraldo
Campinas - SP